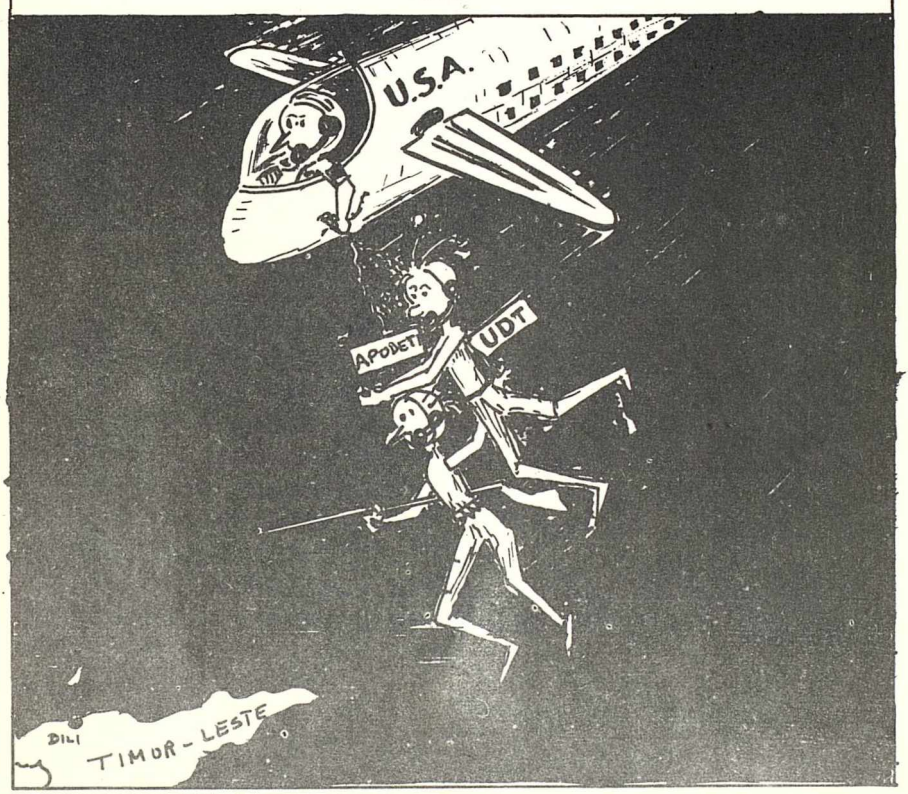
TL 7249

CADERNOS "DESCOLONIZAÇÃO DE TIMOR-LESTE"

UDT E APODETI: AGENTES DO IMPERIALISMO

2



(Comité de acção da Fretilin em Portugal)

UDT E APODETI - AGENTES DO IMPERIALISMO

É curioso notar a grande preocupação últimamente verificada por parte dos dirigentes indonésios quanto ao futuro dos 600.000 habitantes de Timor-Leste, seus "irmãos de raça". Se se recuar um pouco no tempo, pode-se constatar que durante a vigência do regime colonial-fascista de Salazar-Caetano que tanto oprimia o Povo de Portugal e das Colónias, o "anti-colonialismo" do Governo Indonésio nunca se fez notar, nem mesmo em simples denúncias do colonialismo em Timor-Leste.

O 25 de Abril abriu uma nova perspectiva ao Povo de Timor-Leste. Assim, quando se principiavam a esboçar movimentações no sentido de organizar o Povo para a Independência, no Parlamento da Indonésia pela voz do seu Vice-Presidente Jonh Naro e pela primeira vez, o território de Timor-Leste foi reivindicado como parte integrante da República da Indonésia "devido à sua localização geográfica". A APODETI, na altura, anida não existia. Aquelas reivindicações do parlamentar mereceram uma onda de protesto em Timor-Leste. Semanas passadas, a APODETI surge em Timor-Leste com o lema de SABANG MERAUKE (regiões da Indonésia situadas no extremo Oeste e Leste) imediatamente contestada pela então ASDT (gérmen da FRETILIN), contestação essa não atendida pelo MFA de Timor, ao tempo representado pelo Major Arnão Metelo. A preocu

pação dos dirigentes indonésios não se limita aos debates do Parlamento. Vem a Portugal, um representante do Governo da Indonésia e mantém conversações com representantes do Governo Portugues (primeiro Governo Provisório de Palma Carlos) cujo teor nunca foi divulgado. Mas, presume-se que algo lhe teria sido garantido - a famosa "estabilidade da àrea" - pois, após o seu regresso à Indonésia nunca mais se falou de TimorLeste como parte integrante da República Indonésia. Tal comportamento não pode ser dissociado do amplo apoio e protecção que a então UDT, defensora da solução federalista gozava à semelhança dos vários partidos fantoches surgidos em Angola, Guiné, Cabo-Verde, S. Tomé e Príncipe e Moçambique e, da interrupção das conversaçoes entre o Governo Portugues e o PAIGC em Londres. Mas, apesar de tudo, a APODETI continuava as suas actividades. No entanto, a Indonésia parecia não ter grande interesse no curso dos acontecimentos, já que a solução federalista parecia ir determinar o futuro político de Timor-Leste.

Porém, a queda do Governo de Palma Carlos, a promulgação da lei Constitucional nº 7/74 de 27/7/74, que consagrou o direito dos povos coloniais à independência, o reconhecimento da República da Guiné-Bissau e o inicio das conversações com os outros Movimentos de Libertação alteraram decisivamente o equilíbrio de forças entre os defensores dda Independência - ASDT - e os federalistas -UDT que, perante a nova situação reformula-

ram o seu ideário, passando a defender a Independência ainda que, de forma indefinida. Esta situação veio trazer preocupações à Indonésia, que começa a interferir abertamente no apoio descarado à APODETI atacando a FRETILIN e a UDT, através de emissões da rádio Kupang - capital do Timor-Indonésio -, do órgão oficial do exército indonésio - Berita Yuda -, aliciamento das populações através da distribuição do açúcar (na altura faltava muito em Timor-Leste), e rádios receptores vindos da Indonésia.

Internamente, o Governo do Tenente-Coronel Níveo Herdade, seguindo a política do seu antecessor coronel Alves Aldeia, apoiava abertamente a UDT, perseguindo ferozmente os militantes da FRETILIN, chegando inclusivamente a julgamento de alguns elementos do Comité Central da FRETILIN.

Com a remodelação do Governo de Lisboa após o "28 de Setembro", chega à Timor-Leste em 18/11/74, uma nova equipa governamental chefiada pelo coronel Lemos Pires, que desde a primeira hora, defendeu a formação de uma FRENTE UNITÁRIA que reunisse os "partidos irmãos". Assim, permitiu uma grande liberalização de acções partidárias, o que a FRETILIN aproveitou para intensificar o seu Trabalho junto do Povo, tendo deste modo crescido a adesão das massaspopulares em torno da FRETILIN. Nesta fase a Indonesia ataca não só a FRETILIN e a UDT, mas também o Governador Lemos Pires e as forças Armadas Portuguesas chegando a acusá-las de comunistas. A Indoné

sia prossegue entretanto, a sua campanha de intimidação, acenando sempre com o espectro da invasão. Nesta altura, a APODETI aparece como o principal inimigo já que, o Imperialismo actuava apenas através da APODETI. Com o objectivo de combater a APODETI, surge então a coligação FRETILIN-UDT, em 22/1/75.

A coligação foi para o Imperialismo um duro golpe, na medida em que a melhor organização e a justeza da linha da FRETILIN permitiram uma certa ascendência em relação à UDT ao mesmo tempo que aumentava o isolamento da APODETI. O avanço da opção Independência, tal como preconiza a FRETILIN - Independência total e completa - faz perigar os interesses imperialistas na àrea. É assim que surgem manobras imperialistas no sentido de minar a coligação e ganhar na UDT um aliado. Com efeito, já que a vontade do Povo Timor é a Independência, é necessário que ela seja do tipo neo-colonial.

A relativa facilidade com que o Imperialismo conseguiu encontrar na UDT um aliado, explica-se pela natureza de classe dos seus dirigentes, cujos privilégios não querem abdicar. Vejamos a propósito, o que diz o camarada Vice-Presidente:

"A UDT surgida das camadas sociais mais favorecidas pelo colonialismo, nomeadamente os antigos colonos, os seus descendentes, possuidores de grandes plantações de café e os grandes funcionários da administração colonial, cuja poupança era investida na exploração das plantações de café ou criação de

gado e cuja influência nos sectores económicos era imensa..." (Conferência de Imprensa em Lourenço Marques).

A UDT como aliado do Imperialismo combate neste momento como inimigo principal - a FRETILIN - no que conta com o apoio da APODETI:

Vejamos novamente a intervenção do camarada Vice-Presidente:

"A extracção social dos líderes da APODETI é comparável à da UDT:altos funcionários, régulos, grandes proprietários de plantações de café ou coco e criadores de gado. A diferença reside apenas no facto de os apodetistas terem estreitas afinidades de interesses no País vizinho,a Indonésia, à semelhança do ponto de vista de classe,dentro do ccontexto nacional e territorial donosso País aproxima a APODETI da UDT.Acontece porém que a APODETI identifica-se de certa maneira, com a burguesia dum país estrangeiro, forte económicamente contra quem a UDT, uma burguesia incipiente, portanto sem força económica relativa, não pode competir.É nesta contradição de semelhança por um lado e de oposição por outro, que se explicam as sucessivas e alternadas aproximações e repulsões, os vaivéns entre a APODETI e a UDT"(Conferência de Imprensa em Lourenço Marques).

ESTRATÉGIA IMPERIALISTA

Dada a importância vital da zona em que Timor-Leste se insere para o Imperialismo, este, desde o início do processo de descolonização de Timor-Leste, tem acompanhado a evolução, mantendo-se sempre atento, a fim de não serem molestados os seus interesses. Para isso, desde a primeira hora apadrinhou a integracionista APODETI, na medida em que esta apresentava uma solução ideal que conduzia o Povo de Timor-Leste a um controle directo pelo Imperialismo.

No entanto, a APODETI desde o início foi repudiada pelas massas populares que imediatamente elegeram a opção Independência.

Procurando na APODETI a sua correia de transmissão, o Imperialismo lança ofensiva no campo externo, propalando a adesão do Povo à sua causa, chegando ao cúmulo de afirmar em Setembro de 1974, que 75% da população era favorável à integração.

Perante isto, a FRETILIN convoca uma grandiosa manifestação de repúdio a tais afirmações,

Por outro lado, no intuíto de arregimentar filiados, o Imperialismo através do seu cavalo de Tróia, a APODETI tenta aliciar as populações artavés de dinheiro, artigos de consumo, aparelhos receptores de rádio , ao mesmo tempo que as intimida usando gravações de rajadas de metralhadoras a iniciar o seu programa radiofónico, proclamando ter o a-

poio do exército indonésio e chegando ao cúmulo de o seu Secretário-Geral afirmar à RTP em Janeiro último, que estava "comprometido" com o Governo Indonésio.

Perante a ofensiva imperialista, a FRETILIN realizou a sua primeira aliança táctica, em 22/1/75, coligando-se com a UDT que tendo começado por defender a tese federalista, defendia já então uma Independência ainda que indefinida, porquesendo incapaz de uma ligação efectiva às massas, vacilava entre apoiar-se aos países da àrea ou à Portugal(por causa das suas tradições de país colonizador).

Eis o texto em que foram acordadas as bases da coligação:

COMUNICADO CONJUNTO

Da FRENTE REVOLUCIONÁRIA de TIMOR-LESTE INDEPENDENTE e da UNIÃO DEMOCRÁTICA TIMORENSE

Há cerca de cinco séculos a nossa terra vem vivendo sob o domínio do colonialismo português. Estes cinco séculos da nossa história representam o desenrolar dum drama cheio de guerras, de opressão e subjugação e de exploração e rapina das riquezas do nosso Povo. Por isso, os nossos antepassados por várias vezes se ergueram em armas em defesa dos seus direitos.Os vários levantamentos e sublevações ao longo dos cinco séculos

de dominação colonial provam inequívoca e irrefutávelmente que o nosso Povo sempre desejou e lutou pela Independência.

Porém, se o nosso Povo não triunfou nessas tentativas de libertação, foi não só por causa da superioridade bélica do inimigo mas sobretudo por causa do divisionismo que existia entre os diversos reinos, divisionismo esse que o colonialismo sempre soube muito bem explorar.

Considerando que o exercício do poder colonial na nossa terra somente resultou na exploração das nossas riquezas, opressão do nosso Povo, obscurantismo secular asfixia da nossa cultura, miséria, fome, doença e morte prematura.

Considerando que todos os males sómente poderão ser combatidos com a erradicação total da sua causa principal - o COLONIALISMO-

Considerando que só podemos libertar-nos do colonialismo se unirmos todos os nossos esforços para a prossecução do nosso objectivo comum -a INDEPENDÊNCIA NACIONAL.

A FRENTE REVOLUCIONÁRIA DE TIMOR- LESTE INDEPENDENTE e a UNIÃO DEMOCRÁTICA TIMORENSE acordam constituir uma coligação assente nos seguintes pontos:

1 -Indepndência total para o Povo de Timor-Leste ou Timor-Díli, designação esta adaptada pela UDT.

2 -Repúdio da Associação Popular Democrática de Timor por defender ideais integracionistas e neo-colonialistas, contrários aos verdadeiros interesses do Povo de Timor-

Leste e à Carta das Nações Unidas.

3 -Rejeição da integração em qualquer potência estrangeira, nomeadamente na Indonésia, mas, de futuro, após independência serão encetados todos os esforços no sentido de se promoverem relações de amizade, boa vizinhança e cooperação com todos os países do mundo incluindo Indonésia.

4 -Repúdio do colonialismo, neo-colonialismo e imperialismo; introdução de novas estruturas políticas, económicas, culturais e sociais verdadeiramente democráticas, em aubstituição das caducas estruturas coloniais para a reconstrução e desenvolvimento do País.

5 -Reconhecimento de Portugal como único interlocutor válido no processo de descolonização; estabelecimento de acordos de cooperação em todos os sectores e a todos os níveis para benefício dos Povos de Timor-Leste ou Timor-Díli e de Portugal; adopção de lingua portuguesa como lingua oficial no Timor-Leste ou Timor-Díli.

6 -Recurso à ONU para acompanhar Portugal no proeesso de descolonização com vista a independencia nacional para o Povo de Timor-Leste ou Timor-Díli. A coligação reserva-se, no entanto, o direito de seleccionar os paise membros que deverão tomar parte na Comissão de Supervisão estando já assente que não deverão participar os países da ASEAN, as grandes potências e outros sob influencia da Indonésia incluindo Austrália.

7 -Formação de um Governo de Transição através de negociações em Lisboa entre o Go-

verno Portugues, a FRETILIN e a UDT.

8 -Acordos internos;

a)Criação de uma Comissão"ad hoc", com igual número de elementos dos partidos coligados, encarregada de supervisão dos programas de rádio, comicios, artigos para divulgação através dos órgãos de informação;

b)Não agressão ideológica e respeito mútuo pelos programas e ideários;

c)Cooperação no sentido de se promover a consciencialização política do Povo, orientada para a Independência Nacional;

d)O Timor "Português" passerá a chamar-se "TIMOR-LESTE"e os seus cidadãos "TIMORES".

Díli, 20 de Janeiro de 1975

Assinado pelos Presientes da FRETILIN e da UDT

Após a coligação, intensificam-se ascampanhas de intimidação por parte da Indonésia chegando mesmo a concentrar tropas na fronteira com o Timor-Indonésio, ao mesmo tempo que a APODETI reivindica insistentemente o referendum para Março de 1975. Em contrapartida tais campanhas levam ao reforço da Consciencialização Nacional por parte do Povo timor, que vibra com a palavra de ordem lançada pelo Comité Central da FRETILIN:"INDEPEN-

DÊNCIA OU MORTE".

Entretanto, dada a justeza da sua linha materializada nos trabalhos concretos junto do Povo, verifica-se uma enorme adesão das massas à FRETILIN o que leva ao progressivo isolamento da UDT.Esta situação de isolamento dos dirigentes da UDT, a falta de garantias por parte de Lisboa e a recusa por parte daqueles em abdicar dos seus previlégios de classe,tornam-nos presa fácil do imperialismo que tenta outra solução para o futuro político de Timor-Leste: INDEPENDÊNCIA NEOCOLONIAL.

Efectivamente das duas soluções favoráveis ao imperialismo - a integração pacífica na Indonésia e a Independência neo-colonialista, apresenta-se agora como a mais viável, porque o Povo já optou claramente pela Independência e por outro lado, o Governo Português está interessado numa descolonização que conduza à Independência por ser esta a solução mais lógica e mais airosa.

Neste contexto, se insere a visita da delegação do Governo Indonésio chefiada pelo Coronel Suharto com a sua equipa técnica que em princípios de Abril visitou Timor-Leste e conferenciou com a coligação, tendo afirmado até que"sendo a vontade do Povo timor a Independência, o Governo Indonésio apoia essa opção.

Respondendo ao convite formulado pela delegação indonésia, as delegações da UDT e da FRETILIN visitaram separadamente a Indonésia, tendo o Presidente da UDT transgredido

um dos pontos dos acordos de coligação ao afirmar que a UDT não se importava de se aliar à APODETI para combater a FRETILIN, esta acusada de ser comunista.

Ao mesmo tempo, o Secretário - Geral da UDT recusou-se a fazer parte da delegação conjunta FRETILIN/UDT que iria procurar apoio dos países da África especialmente junto dos Movimentos de Libertação dos Povos irmãos das ex-colónias. No regresso da delegação da UDT da Indonésia, a FRETILIN, enquanto membro da coligação, exigiu um desmentido formal das suas afirmações, facto que nunca se concretizou.

Entretanto, o Vice-Presidente da FRETILIN segue para África sem a delegação da UDT ao mesmo tempo que Lemos Pires avança com a proposta para as conversações preliminares para"uma cimeira de alto nível" tendente a definir o processo de descolonização. Sobre este assunto, o camarada Vice-Presidente em entrevista concedida ao Diário de Noticias, de 29/5/75, a dado passo afirma:

"Pessoalmente e como Vice-Presidente da FRETILIN considero bastante estranha a coincidência da aceleração do processo de descolonização estagnado durante um ano com a minha partida para África".

A estranheza de que fala o Camarada Vice-Presidente refere-se à tentativa do Governo local em evitar que a FRETILIN fosse às conversações reforçada com amplo apoio diplomático dos países progressistas da África e

do resto do mundo, contrapondo-se assim ao peso dos países lacaios do imperialismo que jogam pela solução neo-colonial.

Por outro lado, o Governo Português faz deslocar a Timor-LEste o Major Vítor Alves. Reportemo-nos às palavras proferidas na Conferência de Imprensa em Lourenço Marques, em 3/7/75 pelo camarada Mari Alkatiri, membro do Comité Político da FRETILIN que nos dá conta da missão do diplomata português durante o período das conversações:

" Durante o período das "conversações preliminares" Timor-Leste recebeu a visita do Major Vítor Alves, enviado especial do Governo de Lisboa e portador de decisões -"pontos indiscutíveis"- conforme a afirmação do mesmo que se resumem no seguinte:

a) Participação das três organizações políticas na cimeira;

b) Macau como local da mesma

Depois de uma curta estadia em Timor-Leste(dois dias) o major Vítor Alves regressou à Lisboa onde difundiu um comunicado que anunciou a data da Cimeira de Macau, tomando como certa a participação da APODETI na mesma por ter considerado que era resolução, já aceite"por raciocínio"pela coligação FRETILIN-UDT. A FRETILIN protestou severamente, porque considerou este acto como uma tendenciosa especulação por parte do Governo Local

No decurso das conversações notou-se nítida pressão do Governo no sentido de levar a APODETI à Cimeira, embor já solenemente tivesse reconhecido o direito à independên -

cia do Povo de Timor-L[illegible]te exigido pela Coligação. Em contrapartid[illegible], começa-se a verificar um comprometimento por parte dos dirigentes da UDT como se depreende das palavras do camarada Mari Alkatiri na Conferência de Imprensa já citada.

"Entretanto fizeram-se contactos várias propostas da Coligação e notou-se claramente um estranho comportamento no seio da UDT, quando pela boca do seu Presidente, afirmou que era uma atitude anti-democrática por parte da Coligação, a rejeição pura e simples da APODETI. Após longos debates, pôs-se à votação. Todos da UDT votaram contra a participação da APODETI na Cimeira, excepto o Presidente e o vice-Presidente.É preciso não esquecermos que estes dois lideers estiveram há pouco tempo numa digressão pelos países vizinhos, onde fizeram declarações de apoio ao ex-general Spínola, declarações essas que até a data nunca foram desmentidas.Realça-se aqui, que a posição de aceitação incondicional da APODETI por parte da UDT foi reforçada depois da digressão, o que veio contradizer o acordo da coligação FRETILIN-UDT.

A rotura da coligação não se fez esperar. Dias depois a UDT anunciou oficialmente o rompimento da coligação. É de notar que a descoligação decidida unilateralmente pela UDT, não foi senão fruto de pressões exteriores, porque logo após ela ter sido consumada obteve-se por parte da UDT uma aceitação incondicional da APODETI.

Por outro lado, o camarada Vice-Presi -

dente reforça a mesma posição na sua conferência de Imprensa, em 29/5/75:

"Neste rompimento da coligação nós vemos o dedo do Imperialismo a indicar o caminho à reacção, criar o divisionismo para enfraquecer o Povo. Ainda tem toda a actualidade o lema imperialista:DIVIDIR PARA REINAR.O imperialismo face as derrotas sofridas em vários pontos do Globo, reformulou e refinou a sua própria estratégia, tentando criar por todo o lado regimes fantoches, regimes neocoloniais. É esta cartada que o imperialismo está jogando em Timor-Leste : Dar ao País uma independência fantoche transformar Timor Leste numa neo-colónia".